



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GUARABIRA
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOSINEIDE CASTRO ANDRADE

**O NORDESTE NAS CANÇÕES DE DOMINGUINHOS: UMA
ANÁLISE DO DISCURSO**

GUARABIRA-PB
2014

JOSINEIDE CASTRO ANDRADE

**O NORDESTE NAS CANÇÕES DE DOMINGUINHOS: UMA
ANÁLISE DO DISCURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras da UEPB – Campus III – Centro de Humanidades, como requisito para obtenção de título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wanilda Lima Vidal de Lacerda

GUARABIRA-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553n Andrade, Josineide Castro

O nordeste nas canções de Dominginhos: uma análise do discurso [manuscrito] : / Josineide Castro Andrade. - 2014.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda,
Departamento de Letras".

1. Análise do discurso. 2. Dominginhos. 3. Nordeste. 4.
Canções. I. Título.

21. ed. CDD 401.41

JOSINEIDE CASTRO ANDRADE

**O NORDESTE NAS CANÇÕES DE DOMINGUINHOS: UMA
ANALISE DO DISCURSO**

Aprovado em 1º 112 / 2014

Banca Examinadora

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof.^a. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda
Orientadora

Juarez Nogueira Lins

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Examinador

Adriana Sales Barros

Prof.^a. Dra. Adriana Sales
Examinadora

GUARABIRA-PB
2014

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma breve análise de quatro canções do compositor, músico e cantor Dominginhos e tem como objetivo principal mostrar, através da composição literária, o discurso sobre sua visão do Nordeste. Para este estudo, voltamo-nos para a Análise do Discurso, conceituando novas concepções e apresentando a linguagem para além de suas formas gramaticais. Para isso, buscamos subsídios em teorias da análise do discurso em autores como Pechêux (1997) e Foucault (1986,1999), em contraponto às ideias de Dubois. Amparada nesses autores e em outros estudiosos da AD, percorreremos um caminho de formação de sentido dos dizeres dos indivíduos, levando em consideração sua historicidade, não no sentido de tempo, mas no sentido em que os discursos são determinados pelas condições sociais de sua existência, subsídios para a referida análise das canções de Dominginhos. Constatamos, nos discurso deste cantor, compositor e intérprete, a ideologia do nordestino, que mesmo em uma época de sofrimento motivado pela seca, ignorância e pobreza é um povo alegre e acolhedor, conservador de sua cultura e que porta de entrada para o conhecimento desse espaço privilegiado e dessa gente pode ser as letras das canções e o ritmo de sua música: o forró.

Palavras Chave: Análise do Discurso. Dominginhos. Nordeste. Canções

1 INTRODUÇÃO

Atualmente encontramos diversas teorias acerca da Análise do Discurso, porém alguns pensadores se destacam, por apresentar concepções, que fogem da visão estruturalista da linguagem. Encontramos em três analistas do discurso, a materialidade de estudos que precisávamos para a análise de algumas músicas do cantor e compositor Dominginhos, objeto de nosso estudo. Pêcheux (1997), Dubois () e Michael Foucault (1996,1999], apresentam um vasto acervo, sobre um novo campo do saber da Análise do Discurso (AD), que tem por finalidade analisar os discursos a partir de uma visão histórica da língua.

Desta forma, nosso intuito neste trabalho, é fazer uma explanação de algumas, das muitas concepções, apresentadas por esses analistas, oferecendo elementos que possibilitem uma discussão teórica, pautada em subsídios de alto valor investigativo e analítico.

Será a partir desses conceitos teóricos, que ofereceremos uma análise de discursos dos poemas canções de Dominginhos, a partir de uma perspectiva sócio-histórica e mostrando as particularidades de sua produção.

Tomando como fundamento teórico a visão dos pensadores, mencionados acima, percebemos e reconhecemos que o discurso, pode e deve ser enxergado para além da Linguística Estruturalista. E que conseqüentemente os discursos dos poemas canções apresentam singularidades históricas que perpassam o valor apenas gramatical da língua. Pois nessa perspectiva, eles representam processos construídos historicamente pelos indivíduos falantes.

Ao analisarmos as canções de Dominginhos, procuramos, nelas, identificar marcas da identidade da região Nordeste, uma vez que as mesmas relatam a cultura, usos e costumes do seu povo.

Para realização desta pesquisa fizemos uso, como já mencionamos acima, de pesquisas qualitativas de cunho descritivo, uma vez que usamos como referencial bibliográfico, as concepções apresentadas por Dubois, Pêcheux e Foucault.

Acreditamos assim, que diante dessa pesquisa, poderemos incentivar as pessoas a ver por outra perspectiva a construção dos discursos, através de um processo mais amplo, vendo-o não apenas o seu caráter linguístico de signos gramaticais, mas como um meio pelo qual há interação entre história, indivíduo, pois, comumente a sociedade se constrói entre as pessoas e reflete o espaço social das mesmas, sua cultura, costumes,

tradições e realidades sociais àqueles que estão vivendo, em determinado espaço e momento da história.

Para tanto, necessitamos principalmente entender a construção do discurso, bem como a importância social do mesmo, onde buscamos nas leituras realizadas subsídios que nos levem a identificar, conhecer, descobrir, analisar e fundamentar a construção do discurso em uma visão histórica da linguagem.

Por isso no primeiro momento, discorreremos sobre nosso embasamento teórico, a fim de entendermos, como inicialmente se dá esse processo, na concepção desses três teóricos, já mencionados.

No segundo momento, fazemos uma breve apresentação sobre a vida e as obras do cantor/compositor Dominginhos, bem como o espaço de que fala em suas canções, numa visão sócio-histórico-cultural.

Em seguida, fazemos uma breve análise das canções de Dominginhos, escolhidas para objeto de estudo: nas quais identificamos traços da região Nordeste e a construção do seu discurso acerca desse espaço.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

Segundo Saussure, citado por Martelotta (2008) p.18, “a língua é um sistema supra-individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”. Entendendo que a língua seria por sua vez auto suficiente, e dependesse apenas dela própria e da necessidade do indivíduo falante de se comunicar, sem levar em consideração a forma como esse discurso é criado e em que condições ele se estabelece dentro de determinado espaço e tempo.

Em contrapartida ao pensamento de Saussure, surgiu no contexto francês um novo campo do saber a Análise do Discurso (AD), que propunha uma crítica à visão saussuriana da Língua. Os estudos da AD iniciaram-se com Jean Dubois e Michael Pêcheux, na década de 60, como o próprio nome sugere, o objeto de estudo é o Discurso. Entretanto, havia divergências em suas concepções. Dubois apresentava-se como lexicólogo, entendendo que a AD seria uma continuação da linguística estruturalista, até então, apresentada por Saussure. Já Pêcheux, propunha uma crítica a essa linguística estrutural, voltada apenas para a análise dos signos linguísticos e a língua como único objeto de estudo. Pêcheux apresenta a visão epistemológica da AD, onde o mesmo critica o corte Saussuriano e propõe uma análise voltada para o sujeito e a história.

Mas, foi a partir destas divergências entre suas concepções sobre a AD, que a mesma se consolidou como um novo campo teórico, apresentando críticas, problematizações, rearticulações e reelaborações de novos conceitos acerca do discurso. E desta forma, entendendo que a análise do discurso, deve ser enxergada pelo contexto histórico, cultural, social, político, econômico, todos esses setores ligados ao indivíduo falante, e não entendendo o discurso apenas como um processo de decodificações de signos linguísticos pelos usuários da língua.

A AD vem, portanto, nos mostrar outros caminhos e pressupostos, para entendermos as materialidades em que se estabelece, de fato, o discurso. Como cita CORDEIRO, RODRIGUES, SILVA, 2011, p.83 “A AD tem como objeto de estudo o discurso, entendido como um processo em que se articula uma materialidade linguística e uma materialidade histórica (sócio ideológica)”.

Se entendermos, dessa maneira, que a materialidade histórica, está ligada ao processo ideológico depositados na palavra para construção de nossos discursos, necessitamos entender o que significa “ideologia”, e o que ela representa em nossos

discursos. O termo ideologia, de acordo com (LUFT 2000, p. 374), significa “tratado ou ciência de formação das ideias. 2. Conjunto de ideias , crenças, convicções , que orientam as ações”.

Vamos levar em consideração esse segundo significado de que ideologia é esse conjunto de ideias, pensamentos, e diferentes convicções acerca de determinados temas, como a convicção política, moral, religiosa e social do indivíduo. Então, dessa maneira a ideologia determina nossos discursos.

Como afirma PÊCHEUX:

[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que ela adquirem o seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1997. p .160)

Isso implica dizer que, além de nos apresentar esse novo campo do saber nos reitera que existe sim, uma língua com suas materialidades linguísticas, dotadas de significações, para formar frases gramaticais, como reforça Dubois. Todavia, existe uma nova materialidade a ser considerada: o aspecto histórico da língua e as ideologias de mundo que são depositadas na palavra, contida na concepção de Pêchueux, possibilitando-nos uma visão mais exterior da própria língua, que pertence ao indivíduo, presente na sociedade e que vive um processo histórico.

Do mesmo modo a essa linha de pensamento, é que se encaixam e se articulam as ideias do pensador francês Foucault, o qual nos apresenta o discurso como uma concepção histórica da língua, como ele mesmo diz:

Não podemos confundir com a operação expressiva pela qual o indivíduo formula uma [ideia], um desejo uma imagem, nem com a atividade racional, que pode ser acionada, num sistema de inferência; nem com a competência de um sujeito falante quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram numa dada época, e para uma determinada área social, econômica geográfica, ou linguística, essas condições de exercício de função enunciativa. (FOUCAULT, 1986, p.136).

Entendemos, pois, que segundo as ideias foucaultianas, o que realmente importa é como esse discurso é construído, em que espaço e condições ele se estabelece, quais as posições ideológicas estão depositados em sua produção. O que ele está representando naquele momento da história do indivíduo falante. O discurso é tido como organizador de si mesmo e das práticas sociais, é através do próprio discurso que

lhe é inato, que o ser humano consegue organizar sua prática discursiva, no âmbito social em que está imerso e onde necessita se comunicar com outros falantes da língua.

Para Michael Foucault, o discurso representa a construção de enunciados e relações existentes entre os falantes que o próprio discurso coloca em funcionamento. Como afirma (FISCHER, 2001 p. 198) acerca do pensamento de Foucault:

[...], nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas, nos discursos.”

O discurso, portanto, é formado a partir de palavras organizadas que refletem o que o ser humano sente, pensa e vive dentro do contexto sócio-histórico, através de seus papéis representativos. Ela faz parte do homem, da sociedade e de sua história, comumente o discurso perpassa toda a conjuntura das formas apenas gramaticais da língua, pois é também modificado ao longo do tempo.

Os discursos, para Foucault, estão diretamente ligados à história e às relações de poder existentes dentro da sociedade, ou seja, as existências dos discursos se dão à medida dos acontecimentos discursivos, ligados à época vivida pelos indivíduo, que está sob a influência da sociedade, ocupando um espaço social, sujeito a relações de poder.

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]. FOUCAULT (1999, p.8-9)

Desta maneira, é como se a sociedade controlasse o que pode e deve ser dito em certo momento da história, deixando o indivíduo falante, sujeito a essas relações de poder construídas pela religiosidade, culturas, economia, ciência, ideologias, constituições, políticas, enfim, pelos mais variados âmbitos em que os falantes estão envolvidos, no qual cada um assume um papel representativo. Esse jogo de poderes ou relações de poder determinam dentro de um espaço e tempo, qual discurso deve ser produzido, como deve ser situado, organizado e distribuído, dentro da sociedade.

Foucault acrescenta ainda, as afinidades entre as relações de poder e a construção do saber. Segundo este estudioso, os saberes construídos dentro da sociedade estão diretamente ligados às relações de poder, as quais se constroem ao longo da história “as verdades” de que falam os sujeitos. Ou seja, a sociedade historicamente vai moldando os discursos e os tornando verdadeiros, à medida que os indivíduos falantes

adquirem conhecimentos perpassados ao longo da história, e constroem suas próprias verdades, mas com influências das mais variadas áreas sociais. Pensando nessa concepção apresentada por Foucault, CORDEIRO, RODRIGUES, SILVA, dizem que: “ Desta forma, o conhecimento e as “verdades” existentes no campo social não são algo natural, mas construídas historicamente [...].”

Em suma, Foucault, apresenta uma concepção de análise do discurso, voltada para uma visão histórica da linguagem, ele procura analisar os efeitos de sentido que os discursos produzem pelos sujeitos na história, propondo um estudo que multiplica o sujeito e não visa apenas à língua do falante, mas as “verdades” constituintes dos discursos produzidos e adquiridos historicamente dentro da sociedade. Em razão disso,

Foucault multiplica o sujeito. A pergunta. quem fala?. Desdobra-se em muitas outras: qual o status do enunciador? Qual a sua competência? Em que campo de saber se insere? Qual seu lugar institucional? Como seu papel se constitui juridicamente? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu? Como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Também cabe indagar sobre o .lugar de onde fala., o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito.. suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes [...] (FISCHER, 2001 p.12)

Pensando nessas perspectivas apresentadas por esses três pensadores, passaremos a analisar agora, uma dentre tantas outras formas de discurso, o gênero canção. Ela, que ao longo de nossa história vem representando uma das formas mais significativas que o sujeito encontrou para discursar suas “verdades sociais”. Para isto, começamos por apresentar um pouco do espaço e da cultura onde nosso cantor/compositor Dominginhos se inspirou para criar, organizar o seu discurso, que é a região Nordeste.

3. ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS DO NORDESTE, UMA (RE) FORMAÇÃO DO DISCURSO

Quando falamos da identidade nordestina ou do discurso acerca do Nordeste, é preciso considerar diversos estudos sobre o tema, falamos de formação sociocultural da região. *Casa Grande & Senzala, Nordeste* de Gilberto Freyre, *Os Sertões*, de Euclides

da cunha são sem dúvida leituras das mais apropriadas, tendo em vista que a formação imagética do nordeste está constituída principalmente pelos relatos desses livros.

A partir dessa visão começamos a identificar e a conhecer o discurso sociocultural do nordeste. Mais ainda quando analisamos os discursos produzidos acerca dessa região brasileira, a partir de canções de Dominginhos, que representam a cultura e a diversidade dessa região bem como as ações socioculturais do povo nordestino, diante da visão do próprio compositor e intérprete nascido na região.

Por isso, quando falamos na região Nordeste logo nos vem à mente a ideia cristalizada do homem de chapéu de palha ou de couro na cabeça, vem a imagem de um lugar pobre, de pessoas simples, de homens e mulheres sertanejos, a imagem das festas populares, manifestações e traços de uma cultura histórica, que ultrapassa gerações compondo a imagem sociocultural deste lugar.

BERNARDES, (2007 p.41) afirma que:

A expressão *Região Nordeste*, ou, simplesmente *Nordeste*, possui atualmente, significados já muito cristalizados que evocam uma série de imagens, tanto das suas características geográficas, quanto culturais, sociais e econômicas.

O Nordeste, sem dúvida, possui traços culturais que marcam e cristalizam, dentro e fora da região, a imagem até então criada, da figura nordestina, como uma forma de manter acesa sua própria identidade.

Mas o Nordeste também é palco de valores, crenças e tradições, compartilhadas entre esse povo que vive um processo contínuo de valorização da sua própria cultura. São por meio dessas ideologias, que os nordestinos constroem seu alicerce de conhecimento e sabedoria.

O linguajar pertencente a essa região também é marca registrada dos nordestinos, que são originários de famílias simples, onde muitos não tiveram nem têm a oportunidade de frequentar uma sala de aula. Por isso, a herança do “jeitinho” nordestino de falar e de onde, fora da região, surge o preconceito linguístico para com a sua fala. Também herdaram historicamente, o “jeitão” grosseiro dos sertanejos como “cabra da peste”, “sol “arretado”, “ta danado”, expressões usadas por eles e que historicamente foram fazendo parte da identidade nordestina.

Ainda no tocante ao preconceito, não é de hoje que o Nordeste sofre discriminação, com relação a outras regiões do país, pois em certo momento de sua história, passa a ideia de que na região só existe seca e sofrimento, mostrando apenas a imagem de um lugar miserável e pobre, ruim de viver.

No entanto, o nordeste vai além do que se apresenta pela mídia e conhecemos de modo geral, como cita (BARBALHO, 2004, p.160):

[...] a cultura e o turismo são ‘dois dos mais ativos setores do desenvolvimento econômico e social da Bahia [do nordeste], cujo desempenho tem apresentado excepcionais resultados para o Estado [região], em termos de imagem e geração de emprego e renda’ (BARBALHO, 2004, p.160).

Sabemos que o Nordeste não se reduz apenas a essa imagem equivocada que se formou fora da região, mas é o lugar que acarreta uma riqueza cultural, histórica e turística gigantesca.

Hoje podemos notar que o nordeste tornou-se um lugar de muito valor no que se pode apresentar sobre a cultura brasileira, e comumente sobre o turismo, tendo em vista que a representatividade dessa região no cenário nacional em termos de reconhecimento de sua expressividade tem sido considerável, mas podemos dizer que a representação do Nordeste começa no discurso de intérpretes nordestinos que levam os valores dessa região para que sejam reconhecidos, e Dominginhos foi essa voz nordestina no sudeste do país, juntamente com Luiz Gonzaga e os demais intérpretes que construíram o discurso da identidade do Nordeste.

3.1 Dominginhos, Intérprete Nordestino na MPB

Neste capítulo iremos falar um pouco de José Domingos de Moraes (Dominginhos), músico brasileiro, cantor, instrumentista, sanfoneiro e compositor, Nascido em Garanhuns/PE no dia 12 de fevereiro de 1941. Seu pai era o mestre Chicão, conhecido por ser tocador e afinador de fole de oito baixos. Dominginhos iniciou a carreira artística na infância, tocando no trio Os Três Pingüins com seus irmãos que se apresentava nas feiras livres, em botequins e porta de hotéis.

Quando em 1948, tocando na porta de um hotel, os meninos foram ouvidos por Luiz Gonzaga, que se encantou com a habilidade dos meninos entregou-lhes seu endereço no Rio de Janeiro.

Em 1954, Dominginhos junto com sua família mudou-se num caminhão paude-arara, para o Rio de Janeiro. Ao chegarem lá, foram-no procurar no endereço que haviam recebido. A partir deste momento, Luiz Gonzaga tornou-se seu padrinho e o presenteou com uma sanfona.

A partir daí, começou a tocar nos bares, churrascarias, gafieiras, cassinos e boates pelo Rio de Janeiro tocando boleros e sambas-canções. Curiosamente, seu nome artístico foi uma sugestão de Luiz Gonzaga, que considerou que o apelido de infância, Neném, não seria impactante na trajetória artística. Com a sanfona ganha do próprio Gonzagão, o agora Dominginhos passou a percorrer o interior do Rio de Janeiro na companhia dos irmãos, apresentando-se em circos e arrasta-pés.

O apadrinhamento de Luiz Gonzaga foi fundamental na carreira de Dominginhos que fez sua primeira gravação aos 16 anos, tocando sanfona na música "Moça de feira" num disco de Luiz Gonzaga, composição de Armando Nunes e J. Portela. No mesmo ano, numa viagem ao Espírito Santo, com Borborema e Miudinho, ele formou um trio, batizado de Trio Nordestino tocando não apenas forró, mas incluindo em seu repertório samba e boleros sucesso em dancings e boates da época.

Com seu ingresso na Rádio Nacional, na década de 60, foi convidado a gravar seu primeiro LP pela gravadora Cantagalo, o mesmo voltado ao público nordestino que migrava para o Sudeste brasileiro à procura de emprego e melhoria de vida. Nesse momento, o mesmo teve a oportunidade voltar a tocar novamente forró e baiões, tendo em vista que havia se voltado para ritmos mais cariocas com sua migração para a região.

Dominginhos fez parte de uma excursão de Luiz Gonzaga ao Nordeste, como sanfoneiro e motorista. Também fazia parte do grupo a cantora pernambucana Anastácia, com quem iniciou uma parceria artística conjunta e um relacionamento amoroso, que os levou ao casamento. Seu sucesso nas participações dos shows de Luiz Gonzaga o levou a ser convidado pelo empresário Guilherme com Gal Costa e Gilberto Gil com quem fez diversas parcerias.

Músicas como "Lamento Sertanejo" e "Abri a porta", representam o sucesso de sua parceria com Gilberto Gil, podemos ainda citar outras parcerias como "Tantas Palavras", com Chico Buarque, "De Volta para o Aconchego" (com Nando Cordel), gravada por Elba Ramalho e "Isso Aqui Ta Bom Demais". Renderam ao artista a gravação de vários discos e compôs trilhas para cinema, ocasionado assim seu firmamento como compositor e sanfoneiro de reconhecimento nacional.

A parceria artista e amorosa de Dominginhos com Anastácia rendeu ao mesmo muito sucesso, principalmente em suas composições que somam cerca de 210 músicas que fizeram e fazem sucesso, mostrando ao mundo de maneira irreverente e alegre o nordeste brasileiro, através do forró e da sanfona.

Como representação do nordeste no meio nacional Dominginhos trazia consigo uma característica marcante dessa região, bem como seu ídolo, padrinho e precursor Luiz Gonzaga, que se apresentava tipicamente vestido com roupas de couro que representariam a cultura nordestina, para Dominginhos o chapéu de couro tornou-se sua marca registrada em suas apresentações pelo mundo.

Podemos dizer que ao lado de outros grandes nomes da música popular brasileira e nordestina Dominginhos sem dúvidas, representa e contribui grandemente para a formação sociocultural do Nordeste, principalmente no que se refere a apresentação da sua música e sua cultura no cenário nacional.

Ele conseguiu mostrar para a sociedade sua música, sua história, produzindo, dessa forma, o discurso social do nordeste, que conhecemos, em que mesmo com a seca e o sofrimento, o Nordeste é uma região acolhedora, alegre e que tem um ritmo marcante: o forró.

O artista que encantou seu público durante muitos anos, faleceu, no dia 23 de julho de 2013, em São Paulo.

3.2 As “verdades” sócio-culturais do Nordeste nas canções de Dominginhos.

Nossa primeira música a ser analisada chama-se *Lamento Sertanejo*, composta pelo cantor/compositor Dominginhos em parceria com Gilberto Gil, ambos ícones da MPB (Música Popular Brasileira).

Lamento Sertanejo

Composição: Dominginhos / Gilberto Gil

Por ser de lá
Do sertão, lá do cerrado
Lá do interior do mato
Da caatinga e do roçado
Eu quase não saio
Eu quase não tenho amigo
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado
Por ser de lá
Na certa, por isso mesmo
Não gosto de cama mole

Não sei comer sem torresmo
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão, boiada caminhando a esmo

(Disponível em: letras.mus.br/Dominguinhos/45558)

Assim como Luiz Gonzaga, cantor/compositor, que serviu de inspiração para Dominginhos, ambos gostavam de cantar, principalmente, a situação do Nordeste, com suas culturas, costumes, histórias e tradições, e ainda, a miséria enfrentada, naquela época, por muitas famílias nordestinas, bem como a seca que assolava o interior do país naquele período.

Nesta música Dominginhos fala de alguns, dos vários costumes do povo nordestino “Não gosto de cama mole” / “Não sei comer sem torresmo”, costumes esses, que falam da simplicidade dos nordestinos naquela época. Fala de como é difícil alguém do interior acostumar-se nos grandes centros urbanos, se sentindo, muitas vezes, perdido em meio à multidão “Sou como rês desgarrada Nessa multidão, boiada caminhando a esmo”. Dominginhos faz nessa música um grito de angústia, saudade e solidão.

O discurso impregnado na letra dessa canção foi constituído através da história cultural da nossa região, e pelas “verdades” que o nosso cantor/compositor, construiu ao longo de sua vida e de sua carreira artística, verdades essas que permitiu ao cantor gravar diversas canções voltadas para o momento histórico, sócio, político e cultural enfrentado e vivenciado pelos nordestinos.

A segunda música analisada é *De volta pro meu aconchego*, música que representa o sucesso do cantor, tendo em vista o sucesso da canção gravada por vários intérpretes da nossa MPB, essa composição foi feita em parceria com Nando Cordel.

De Volta Pro Aconchego

Composição: Dominginhos / Nando Cordel

Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo um sorriso sincero
Um abraço para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade

Que bom poder estar contigo de novo
Roçando teu corpo e beijando você
Pra mim tu és a estrela mais linda
Teus olhos me prendem, fascinam
A paz que eu gosto de ter.
É duro ficar sem você vez em quando,
Parece que falta um pedaço de mim.
Me alegre na hora de regressar,
Parece que vou mergulhar na felicidade sem fim

(Disponível em: letras.mus.br/Dominguinhos/45558)

A música *De Volta Pro Aconchego*, composta por Dominguinhos/Nando Cordel e interpretada por Elba Ramalho, nos apresenta um discurso musical voltado para a realidade vivida por muitos Nordestinos, realidade essa, que perpassa gerações a gerações, o sonho de encontrar novas oportunidades de trabalho e uma melhor condição financeira no Sul e Sudeste do País, principalmente na Cidade do Rio de Janeiro, onde muitos nordestinos partem muito jovens de suas casas no interior, para tentar ganhar a vida nas grandes cidades. No entanto a saudade de casa, de seus parentes, amigos, e pessoas queridas os fazem retornar para seu “aconchego”, como diz a letra da musica.

A expressão “aconchego” traduz a saudade e as dificuldades que os nordestinos encontram longe de suas casas, quando partem em busca de um futuro melhor para se, e para oferecer a suas famílias. Contudo, o que encontram, não lhes proporciona a mesma vida pobre, porém sossegada do interior, como diz a musica “A paz que eu gosto de ter”. A expressão acima traduz também a alegria do regresso, a felicidade de está entre seus entes queridos, mesmo que para isso tenha que enfrentar novamente dificuldades financeiras.

Portanto, o discurso dessa música é a representação de outros discursos já existentes, na vida dos nordestinos, expressado através dessa letra musical, um fato corriqueiro que acompanha a história de milhões de brasileiros que vivem no interior, e que não estão satisfeitos com a vida simples, proporcionada pelos poucos meios de sobrevivência. E que vão para longe de suas casas em busca de outros meios, entretanto regressam dando muito mais valor a simplicidade de sua terra.

Nossa terceira análise é da música Eita Paraíba, uma música que representa muito bem a cultura e a sociedade nordestina, a partir de uma realidade vivenciada pelo próprio compositor que traduz em sua música a história da região originária do mesmo.

Eita Paraíba

Composição: Dominginhos/Chico Anísio/Sarah Benchimol

Eita que sol arretado
Que vento lascado danado de bom
Eita que água morninha
Que areia fininha e a viola no tom
Eita que fruta tão doce
Que é como se fosse um favo de mel
Eita que caldo de cana
E é cana caiana e de sarapatel
Eita que moça bonita
Vestida de xiita com saia rodada
Eita que moça donzela
Tão linda e tão bela, mas nunca enjeitada
Eita que cabra mais macho
Que pega por baixo e derruba quem quer
Eita que la em campina
O São João já domina e ta assim de mulher
Paraíba, Paraíba ta famosa de lascar
Paraíba ta chamando o forró de arrebentar
Paraíba, Paraíba terra boa como um que
Paraíba ta chamando esperando por você

(Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/dominguinhos/eita-paraiba.html#ixzz3Iy0naDFY>)

A música “Eita Paraíba”, composta por Dominginhos em parceria com o cearense Chico Anísio e Sarah Benchimol, faz uma homenagem ao estado da Paraíba, passando a imagem de um lugar acolhedor e bom de viver. Dominginhos retrata a Paraíba, através de conhecimentos e experiências vividas pelo mesmo no cenário nordestino, uma vez que identificamos aspectos comuns à região nordeste, com o “caldo de cana e sarapatel”, representação cultural desse lugar. A expressão “Eita”, já no título da canção, e depois abaixo, “arretado”, “lascado”, “danado”, “cabra mais macho”, “lascar”, nos mostra que a linguagem do povo nordestino difere da linguagem falada em outras regiões do País, trazendo, logo de início, resquícios da cultura e da história da peculiaridade paraibana, bem como do nordeste como um todo.

A partir da construção cantada por Dominginhos percebemos, pois a formação do discurso nordestino no qual representa a Paraíba, e também todos os estados do nordeste com essa característica acolhedora que conhecemos, para melhor expressar o

nordeste das grandes festividades culturais, que representam e reforçam o discurso do nordeste do forró de Campinha Grande e Caruaru, bem como as demais representações de virilidade do povo que vai a luta.

O discurso construído na letra dessa canção é, na verdade, o discurso das ideologias construídas pelo povo Paraibano, com suas “verdades” construídas historicamente, o discurso de “cabra macho”, de “moça donzela”, que reflete uma ideologia de que os homens do nordeste são todos bravos e fortes, e ideologia de que as moças devem se manter virgens até o casamento.

A quarta canção a ser analisada chama-se “Doidinho, Doidinho”, uma composição de Dominginhos em parceria com Anastácia.

Doidinho, doidinho

Composição: Dominginhos e Anastácia

Vai ter forró
Na casa do Biu
Você vai ver o que nunca viu
Linda morena
Com a saia bem rodada
Dá uma rodopiada
Que machuca o coração
E eu tô doidinho, doidinho
Piso direitinho
Mas não passo pé pela mão
Vai ter forró...
De madrugada
O forró tá animado
Já tem cabra embriagado
Que não sabe nem dançar
E eu tô lá doidinho, doidinho
Toco direitinho
Pra morena me olhar
.

A canção em análise mostra mais uma vez o que Dominginhos discursava em suas canções traços do Nordeste e de sua gente, o “forró” de que fala o compositor, representa um dos traços culturais desta região, um dos espaços onde o compositor costumava cantar, com o também, grande cantor/compositor Luiz Gonzaga. Ambos acompanhados de uma sanfona e um chapéu de couro atravessavam toda a região

Nordeste, cantando as letras de suas canções e refletindo através delas, seu próprio lugar de origem.

Dessa maneira Dominginhos falava daquilo que estava acostumado a vivenciar, ele cantava com propriedade sobre o espaço do Nordeste, porque foi nesse espaço social e cultural que ele nasceu. Quando ele fala “Na casa do Biu”, ele remete a um costume nordestino de que todo Severino, no Nordeste, tem por apelido “Biu”. E a “Linda morena/ Com a saia bem rodada”, mostra a imagem da figura feminina, com vestes grandes e rodadas, traduzindo toda simplicidade encantadora da mulher do Nordeste, naquela época.

Já o título, “DOIDINHO, DOIDINHO”, trata-se de uma expressão nordestina, usada para traduzir um momento de euforia, estresse, animação, enfim, diversos sentimentos e estados de alma do povo nordestino, depositados nessa palavra. Dominginhos, ainda nesta canção, reproduz o discurso do “cabra embriagado”, esse “cabra”, refere-se ao apelido que a figura masculina do nordeste recebe, por ser conhecido como um povo forte, valente, que não foge à luta, que enfrenta os desafios, remetendo a outros codinomes de “cabra da peste, cabra safado, cabra arretado, cabra danado”, etc. Enfim, o compositor fala do espaço social e cultural do Nordeste, deixando marcas de suas “verdades e saberes” que construiu ao longo de sua vida, como um sujeito que faz parte de um processo histórico daquela determinada época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, procuramos através deste artigo, fazer uma explanação de algumas concepções, no que diz respeito a Análise do Discurso, segundo as ideias de três pensadores (Pêcheux, Dubois e Foucault), onde ambos promovem e compartilham da mesma linha de pensamento.

Acreditamos que a nossa pesquisa é de fundamental importância para qualquer área do conhecimento humano, uma vez que reflete um estudo, voltado para o indivíduo como ser sócio-histórico, que constrói suas “verdades”, comumente os seus discursos, através de outros discursos já existentes na camada social, mas que individualmente vai moldando suas próprias ideologias.

Como afirmam LUCENA, OLIVEIRA E BARBOSA:

Então sob essa ótica (da AD), o discurso passa a ser não apenas produção linguística, mas produção social e produção do imaginário. A sua estrutura formada não é o visível, mas é formada por uma ideologia, uma história e o texto é o elemento de superfície, o visível, cujos sentidos se produzem a partir de uma ideologia. (LUCENA; OLIVEIRA E BARBOSA, 2004, p.95)

Dessa maneira, nossa intenção foi reiterar essa nova visão acerca de discurso e proporcionar uma análise de canções, onde a construção da mesma é edificada e enxergada através de sujeitos históricos e sociais, refletindo-se no seu texto, como já havíamos dito, a materialidade de suas ideologias.

Em suma, o que podemos identificar em uma análise do discurso voltada para canções, compostas e interpretada pelo grande artista, Dominginhos, é que suas letras e músicas fazem parte da construção de uma identidade do sujeito nordestino, que em seus discursos vimos retratada a cultura do nordeste, tradições, condições sociais, e as belezas do seu povo.

Dominginhos cantou suas “verdades” construídas e deixou marcas no cenário musical brasileiro. O discurso materializado na letra de suas canções representam as materialidades históricas da linguagem, bem como suas verdades sócio-ideológicas, construídas ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo In: **Revista ALCEU** – v.4 n.8 p.165 a 167 Jan/Jun.2004.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, 71: 41-79, 2007

CORDEIRO, Danubia Barros; RODRIGUES, Linduarte Pereira; SILVA, Gilcemere Viera da. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: marcas discursivas, históricas e culturais. In: LUCENA, Ivone Tavares de. SANTOS, Antonio Genário Pinheiro dos. LOPES, Paulo Aldemir Delfino. **ANÁLISE DO DISCURSO: Das práticas discursivas a mobilidade dos dizeres**. João Pessoa, 1 ed. Idea: 2011 Cap. 5 p. 82.

CUNHA, Maria do Rosário C.C. Nos jogos enunciados da memória e da história dos contos de fadas: a imagem da figura feminina. In: LUCENA, Ivone Tavares; OLIVEIRA, Maria Angélica de.; BABOSA, Rosemary Evaristo. **Análise do Discurso das movências de sentido às mudanças do (re)dizer**. João Pessoa, Idea: 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em Educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (SP), v. 114, 2001, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2ªed. Rio de Janeiro, Forense-Universitária: 1986.

LUCENA, Ivone Tavares; PINHEIRO, Antônio Genário; LOPES, Paulo Aldemir Delfino. **Análise do Discurso: das práticas discursivas a mobilidades dos dizeres**. João Pessoa, Idea: 2011.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo, Ática: 2000.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto: 2008. p.18.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Texto Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: 3ª Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel, **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Tradução: Eni P. Orlandi [et al]. 3.ed. Campinas: Cortez: 1997.